

Episódios que marcam a profissão

n EVELINA MUCHANGA

SE, por um lado, as enfermeiras festejam quando cumprem a missão de salvar vidas, por outro, choram e ficam com remorsos quando o doente morre nas suas mãos.

Histórias que espelham estas duas realidades foram-nos contadas por algumas profissionais que se especializaram no cuidado da saúde da mãe e do bebé (Saúde Materno-Infantil - SMI). Mesmo sem conhecer o significado desta especialidade, quando foram solicitadas pelo Estado não se fizeram de rogadas, responderam ao chamamento, disseram sim, e hoje continuam a servir o povo moçambicano.

Encontrámo-las nas cerimónias centrais do Dia Internacional do Enfermeiro, a 12 de Maio, que tiveram lugar no distrito de Boane, província de Maputo. Enquanto celebravam a



Alguns enfermeiros passaram o seu dia, 12 de Maio, assistindo pacientes

data, iam-se recordando de alguns episódios que marcaram as suas carreiras. Reflectiam também sobre a missão do enfermeiro na área da Saúde, os sucessos alcançados e os desafios que ainda prevalecem.

Com 26 anos de profissão, Rosa Elisio, de 48 anos de idade, recorda com dor a morte de um jovem que assistia no Hospital Geral José Macamo (HGJM). O caso registou-se há mais de seis anos, mas o facto permanece até hoje na memória desta mulher, como se tivesse sido "ontem", conforme contou: "Trabalhei durante muitos anos no HGJM. Estava lá um jovem asmático que mostrava sinais de melhoria e, quando menos esperava, infelizmente, morreu nas minhas mãos. Até hoje pergunto-me onde é que terei falhado. Tinha muito carinho por ele, aliás, geralmente, os doentes crónicos acabam por fazer parte da nossa família porque são pessoas que nos procuram quase sempre".

A carreira desta mulher não se resume a tristezas. Falou-nos de comemorar sempre que reanima doentes que entram em estado de agonia na unidade sanitária. "Ficamos felizes porque qualquer enfermeiro está no hospital para salvar vidas e quando o consegue é



Rosa Elisio comemora sempre que reanima um doente

motivo de orgulho".

Actualmente, Rosa trabalha na Direcção Provincial de Saúde de Maputo e é chefe do sector de enfermagem. Cabe-lhe a tarefa de

coordenar a área de enfermagem a nível da província, incluindo a solicitação dos materiais necessários para cada unidade sanitária deste ponto do país.

Durante as cerimónias centrais, a responsável do Departamento de Enfermagem no Ministério da Saúde, Olga Novela, falou do percurso da classe que conta actualmente com mais de 12 mil profissionais, constituindo, assim, a maior força de trabalho do sector da Saúde.

"Testemunhámos o crescimento da massa laboral dos enfermeiros em quantidade e qualidade", destacou. Contudo, apontou alguns desafios ainda por superar para se garantir que estes profissionais cumpram o seu dever, entre os quais o fortalecimento e empodera-

mento da enfermagem, a melhoria das condições de trabalho, a necessidade de reforçar a qualificação profissional, assim como de fomentar acções de investigação no local de trabalho para se acompanhar o avanço tecnológico e satisfazer as necessidades actuais.

Pensou que fosse brincar com crianças

QUANDO se apercebeu de que o seu nome constava da lista de alunos que iam frequentar o curso de enfermagem na especialidade de Saúde Materno-Infantil (SMI), Rita Mondlane ficou triste porque pensava que se tratava de uma área em que os profissionais cuidavam apenas de crianças. "Tinha 16 anos e estava na 6.ª classe. Na altura não se escolhia a profissão, éramos encaminhados para os ministérios, e quando fiquei a saber que ia fazer o curso de SMI não gostei, "a priori", mas, quando nos explicaram sobre a importância do curso, fiquei fascinada e hoje não me arrependo de ter aceiteado, tanto que não consigo abandonar a profissão, mesmo depois de fazer o Ensino Superior", disse.

Rita Mondlane tem 52 anos e é enfermeira há 32. Para ela, a enfermeira tem de ter muito bom coração e espírito de ajuda para salvar o próximo. Entre várias lembranças de sucesso, a nossa entrevistada aponta avanços na carreira de enfermagem e o facto de ter concluído a sua licenciatura.

Todavia, momentos tristes que marcaram o seu percurso não lhe faltaram, e recorda: "Trabalhei muito na área de obstetria, uma área turbulenta porque, quando menos se espera, e por falta de atenção, estamos a perder uma vida. Sentimos essa morte pela família deste indivíduo, como é que vai ficar, e por tudo isso nós carregamos a culpa. É muito pesado e doloroso estar a cuidar de alguém e, de repente, essa pessoa perde a vida".



Carregamos as mágoas para a família, Rita Mondlane



Olga Novela fala dos desafios da profissão

Notícias
Mulher
20.05.2016
02
29. 739

Dado como morto recupera sinais vitais



Otilia Tualufo feliz por contribuir para a melhoria da saúde dos moçambicanos

INICIOU a sua carreira no Centro de Saúde da Malhangalene, passou por Mavalane e hoje trabalha no Centro de Saúde 1.º de Junho, na cidade de Maputo. Não escolheu o ramo mas, volvidos 29 anos de trabalho, Otilia Tualufo, de 51 anos de idade, fala da sua profissão com entusiasmo e orgulho de ter contribuído para a melhoria da saúde dos moçambicanos. O seu percurso foi marcado por vários momentos, alguns bons e outros tristes, sobretudo quando trabalhava na pediatria. Começou por nos falar das celebrações quando testemunhou a recuperação de uma criança de dois anos que havia sido dada como morta. Conta que na pediatria estava internada uma criança em estado grave e que, a dado momento, perdeu a respiração. Chamou a médica para reanimá-la, fizeram-se várias tentativas, que se revelaram infrutíferas, e os sinais vitais tinham desaparecido. A criança foi declarada morta e a médica recomendou que se preparasse o corpo para ser levado para a morgue. Enquanto isso, Otilia ia assistindo outras crianças internadas, quando se

apercebe de uma agitação na roupa que envolvia o bebé. "Pedi que a servente fechasse as janelas para ver se o movimento do lençol estava ou não relacionado com a corrente de ar que vinha de fora. Mesmo assim, o movimento continuava. Aproximei-me, tirei o lençol e auscultei o batimento cardíaco, tendo-me apercebido de algum sinal de vida, mas muito distante. Chamei a médica. Voltámos a reanimar a criança, que recuperou os sentidos". Revelou-nos que a mãe da criança só ficou a saber do sucedido tempos depois da alta.

Outro ponto que marcou a vida de Otilia, mas pela negativa, foi ter visto uma criança de quatro anos a morrer, enquanto informava a mãe que não estava a dar conta do que estava a ocorrer. "Tudo parecia estar bem, a criança já andava, brincava, quando, durante a visita de familiares, a mãe informa-me de que a criança já não estava a conseguir ver. Usei a caneta para ela seguir a sua trajectória, mas nada, a criança só dizia que não conseguia ver, não conseguia ver e morreu assim, a repetir essas palavras. Foi difícil para mim

entender o que terá acontecido e faço-me essa pergunta até hoje: "Será que os familiares lhe deram algum medicamento tradicional que lhe provocou uma intoxicação?". Não sei", lamentou.

Otilia revelou-nos que durante a sua carreira foi tendo várias lições de vida, uma das quais que se relaciona com a necessidade de o parceiro acompanhar sempre a mulher nas consultas pré-natais e explica porquê: "Já tivemos um caso de uma mulher que vinha de Inhambane que morreu durante o parto enquanto se esperava pela ambulância para levá-la a um hospital de referência a fim de receber sangue". Disse que o problema pode estar relacionado com a falta de sangue, pois a senhora não tomava sal ferroso e outros medicamentos receitados durante as consultas, facto que foi confirmado pelo esposo.

"Custou-me bastante informar o marido do sucedido. O bebé estava ali, mas sem mãe. Quando morre uma mãe é difícil para a família. Quem vai amamentar a criança? O carinho, amor e a atenção de uma mãe são insubstituíveis", referiu.

Trabalhar 72 horas consecutivas

PARA além de mulheres especializadas em Saúde Materno-Infantil, conversámos com Jaime Chore, vice-presidente da Associação Nacional dos Enfermeiros de Moçambique. Com 21 anos de carreira e 43 anos de vida, Chore olha para os seus anos de serviço como sinal de maturidade

e responsabilidade. A nossa fonte recorda-se do acidente ferroviário de Tenga com muita tristeza nestes termos: "Trabalhei durante 72 horas a assistir feridos que nos chegavam em estado grave, traumatizados, alguns sem alguns membros. Foi difícil para mim, porque sentia pelos doentes". Os

momentos mais felizes deste profissional acontecem quando recebe a gratidão de pessoas que não conhece, mas que tratou bem quando dele necessitavam no hospital. Conversámos também com a jovem Nércia Langa, de 23 anos de idade. Há um ano a trabalhar no Hospital Central de Maputo, a

noviça mostra entusiasmo pela profissão que escolheu.

"Como enfermeira salvo vidas, recebo novas vidas. Como trabalho na sala de partos, cuido da parturiente até ao parto. Estou feliz com o meu trabalho. Acho que fiz a escolha certa", comemora.